

LIÇÃO 6 - Alguns Predicados Ditos Divisivamente de um Sujeito Podem Ser Ditos Conjuntamente, Outros Não

20b 31 Algumas coisas predicadas separadamente são tais que se unem para formar um predicado; outras, porém, não. Qual é, então, a diferença? Pois é verdade dizer separadamente do homem que ele é animal e que é bípede, e também é verdade dizer estes como um só. Também é verdade dizer "homem" e "branco" separadamente dele e dizer estes como um só. Mas, se um homem é sapateiro e também bom, não é verdade dizer que ele é um bom sapateiro.

20b 36 Pois, se considerarmos que sempre que cada um é dito verdadeiramente de um sujeito, ambos juntos também devem ser verdadeiros, muitos absurdos se seguirão. Por exemplo, é verdade dizer do homem que ele é homem e que é branco; portanto, esses dois tomados juntos também podem ser ditos verdadeiramente dele; novamente, se é verdade dizer que ele é branco e que é também os dois predicados combinados acima, ele será homem branco branco; e assim ao infinito. Ou, ainda, "músico", "branco" e "andante" podem ser ditos verdadeiramente do homem; e estes combinados muitas vezes. Além disso, se Sócrates é Sócrates e homem, Sócrates é um homem Sócrates; e se ele é homem e bípede, ele é um homem bípede.

É claro, portanto, que, se alguém diz que essas combinações podem sempre ser feitas simplesmente, muitas coisas absurdas se seguem. Agora declararemos como isso deve ser resolvido.

21a 7 Aquelas coisas que são predicadas — tomadas em relação àquilo a que são unidas na predicação — que são ditas acidentalmente, ou do mesmo sujeito ou umas das outras, não serão uma. Por exemplo, homem é branco e músico; mas brancura e ser músico não são uma, pois ambos são acidentais à mesma coisa. Mesmo que fosse verdade dizer que tudo que é branco é músico, músico e branco não serão uma coisa, pois aquilo que é músico é branco acidentalmente; consequentemente, aquilo que é branco não será músico.

21a 14 Esta é a razão pela qual "bom" e "sapateiro" não podem ser combinados simplesmente; mas "bípede" e "animal" podem, pois estes não são acidentais.

21a 16 Além disso, predicados que estão presentes um no outro não podem ser combinados simplesmente. Esta é a razão pela qual não podemos combinar “branco” muitas vezes, nem “homem” é um “animal-homem”, ou um “homem-bípede”, pois a noção de homem inclui tanto bípede quanto animal.

1. Tendo explicado a diversidade da enunciação múltipla, Aristóteles agora se propõe a determinar as consequências disso. Ele trata disso em relação a duas questões que resolve. A segunda começa onde ele diz: *Por outro lado, também é verdadeiro dizer predicados de algo singularmente*, etc.

Com relação à outra questão, primeiro ele a propõe, depois mostra que a questão é razoável onde diz: *Pois se sustentamos que sempre que cada um é dito verdadeiramente de um sujeito, ambos juntos também devem ser verdadeiros, muitos absurdos se seguirão*, etc. Finalmente, ele a resolve onde diz: *Aquelas coisas que são predicadas — tomadas em relação àquilo a que são unidas na predicação*, etc.

A primeira questão é esta: Por que é que de algumas coisas predicadas divisivamente de um sujeito se segue uma enunciação na qual elas são predicadas do mesmo sujeito unitariamente, e de outras não? Qual é a razão para essa diversidade? Por exemplo, de “Sócrates é um animal e ele é bípede” segue-se, “Portanto, Sócrates é um animal bípede”; e similarmente, de “Sócrates é um homem e ele é branco” segue-se, “Portanto, Sócrates é um homem branco.” Mas de “Sócrates é bom e ele é um tocador de lira,” a enunciação, “Portanto, ele é um bom tocador de lira” não se segue. Assim, ao propor a questão, Aristóteles diz: *Algumas coisas, i.e., predicados, são tão predicados quando combinados, que há um predicado a partir do que é predicado separadamente*, i.e., a partir de algumas coisas que são predicadas separadamente, uma predicação unida é feita, mas de outras isso não é assim. Qual é a diferença entre estas; de onde surge tal diversidade?

Ele acrescenta os exemplos que já citamos e aplicamos à questão. Destes exemplos, o primeiro contém predicados a partir dos quais algo *per se* é formado, i.e., “animal” e “bípede,” um gênero e diferença; o segundo contém predicados a partir dos quais algo *uno* acidentalmente é formado, a saber, “homem branco”; o terceiro contém predicados a partir dos quais nem algo *uno per se* nem algo *uno* acidentalmente é formado, “tocador de lira” e “bom,” como será explicado.

2. Quando ele diz: *Pois se sustentamos que sempre que cada um é dito verdadeiramente de um sujeito, ambos juntos também devem ser verdadeiros*, etc., ele mostra que realmente existe tal diversidade entre predicados e, ao fazê-lo, torna a questão razoável, pois se não houvesse tal diversidade entre predicados, a questão seria inútil. Ele mostra isso por um raciocínio que leva a um absurdo, i.e., a algo nugatório.

Agora, algo nugatório é efetuado de duas maneiras, explicitamente e implicitamente. Portanto, ele primeiro faz uma dedução ao explicitamente nugatório, segundo ao implicitamente nugatório, onde diz: *Além disso, se Sócrates é Sócrates e um homem, Sócrates é um homem Sócrates*, etc.

Se, ele diz, não há diferença entre predicados, e se supõe de qualquer um deles indiferentemente que, porque ambos são ditos separadamente, ambos podem ser ditos conjuntamente, muitos absurdos se seguirão. Pois de algum homem, digamos Sócrates, é verdadeiro dizer separadamente

que ele é um homem e ele é branco; portanto, ambos juntos, i.e., podemos também dizer conjuntamente, “Sócrates é um homem branco.” Novamente, do mesmo Sócrates podemos dizer separadamente que ele é um homem branco e que ele é branco, e ambos juntos, i.e., portanto conjuntamente, “Sócrates é um homem branco branco.” Aqui a expressão nugatória é evidente. Além disso, se do mesmo Sócrates você disser novamente separadamente que ele é um homem branco branco, será verdadeiro e consistente dizer que ele é branco, e de acordo com isso, se repetindo isso separadamente novamente, você não se desviará de uma verdade similar, e isso se seguirá ao infinito, então Sócrates é um homem branco branco branco ao infinito.

A mesma coisa pode ser mostrada por outro exemplo: Se alguém diz de Sócrates que ele é músico, branco e andante, uma vez que também é possível dizer separadamente que ele é músico, e que ele é branco, e que ele é andante, seguir-se-á que Sócrates é músico, branco, andante, músico, branco, andante. E como estes podem ser enunciados muitas vezes separadamente, ainda que ao mesmo tempo, a afirmação nugatória prossegue sem fim.

Então ele faz uma dedução ao implicitamente nugatório. Uma vez que pode ser dito verdadeiramente de Sócrates separadamente que ele é homem e que ele é bípede, seguir-se-á que Sócrates é um homem bípede, se é lícito inferir conjuntamente. Isso é implicitamente nugatório porque o “bípede,” que expressa indiretamente a diferença do homem em ato e em entendimento, está incluído na noção de homem. Portanto, se colocarmos a definição de homem no lugar de “homem” (o que é lícito fazer, como Aristóteles ensina em *II Tópicos* [2: 110a 5]), o caráter nugatório da enunciação será evidente, pois quando dizemos “Sócrates é um homem bípede,” estamos dizendo “Sócrates é um animal bípede bípede.” Pelo que foi dito, é evidente que muitos absurdos se seguem se alguém propõe que combinações, i.e., uniões de predicados, sejam feitas simplesmente, i.e., sem qualquer distinção.

Agora, i.e., no que se segue, declararemos como isso deve ser resolvido. Este texto particular não é uniformemente redigido nos manuscritos, mas como não há discrepância de pensamento envolvida, pode-se lê-lo como se desejar.

3. Quando ele diz: *Aquelas coisas que são predicadas — tomadas em relação àquilo a que são unidas na predicação*, etc., ele resolve a questão proposta. Primeiro ele dá uma resposta com respeito aos exemplos citados ao propor a questão; segundo, ele resolve o problema relacionado aos exemplos colocados em sua prova onde diz: *Além disso, predicados que estão presentes um no outro não podem ser combinados simplesmente*. Em relação à primeira resposta, ele afirma a posição verdadeira primeiro e depois a aplica aos exemplos onde diz: *Esta é a razão pela qual “bom” e “sapateiro” não podem ser combinados simplesmente*, etc.

Ele resolve a questão com esta distinção: há dois tipos de predicados e sujeitos múltiplos. Alguns são acidentais, alguns *per se*. Se são acidentais, isso ocorre de duas maneiras, ou porque ambos são ditos acidentalmente de uma terceira coisa ou porque são predicados um do outro acidentalmente. Ora, quando os muitos predicados divisivamente são de qualquer modo acidentais, um predicado conjunto não se segue deles; mas quando são *per se*, um predicado conjunto se segue deles. Ao responder à questão, portanto, Aristóteles conecta o que está dizendo com o que foi dito antes: *Daquelas coisas que são predicadas e daquelas de que são predicadas*, i.e., sujeitos, *quaisquer que sejam ditas acidentalmente* (pelo que ele insinua o membro oposto,

i.e., *per se*), *ou do mesmo sujeito*, i.e., unem-se acidentalmente para a denominação de uma terceira coisa, *ou uma da outra*, i.e., denominam-se uma à outra acidentalmente (e com isso ele coloca os membros de uma dupla divisão), *estas* (i.e., estes muitos acidentalmente) *não serão uma*, i.e., não produzem uma predicação conjunta.

4. Ele explica ambos por exemplos. Primeiro, os muitos ditos acidentalmente de um terceiro; por exemplo, o homem é branco e músico divisivamente. Mas eles não são o mesmo, i.e., não se segue unitariamente que "O homem é músico branco," pois ambos são acidentais para a mesma terceira coisa.

Em seguida, ele explica o segundo membro por meio de um exemplo. Nele, os muitos são predicados apenas uns dos outros. Mesmo que fosse verdadeiro dizer "branco é musical", isto é, mesmo que esses sejam predicados acidentalmente um do outro em razão do sujeito no qual estão unidos, de modo que possamos dizer "O homem é branco e ele é musical, e branco é musical", ainda assim não se segue que "branco musical" seja predicado como uma unidade quando dizemos: "Portanto, o homem é branco musical". Ele dá como causa disso que "branco" é dito de "musical" acidentalmente e vice-versa.

5. Deve-se notar aqui que, embora ele tenha enumerado dois membros acidentais, ele explica ambos os membros por este único exemplo, de modo a implicar que a distinção não é de predicados acidentais diferentes, mas dos mesmos predicados comparados de maneiras diferentes. "Branco" e "musical" comparados a "homem" caem sob o primeiro membro, mas comparados um com o outro, sob o segundo. Portanto, ele forneceu diversidade de comparação pela pluralidade dos membros, mas identidade de predicados pela unidade do exemplo.

6. Para tornar esta divisão evidente, deve-se notar também que "acidentalmente" pode ser tomado de duas maneiras.

Pode ser tomado como se distingue da "persiedade por si posterior". Não é assim que é tomado aqui, pois "muitos predicados acidentalmente" significaria então que o "acidentalmente" determina uma conjunção entre predicados, e assim a regra seria claramente falsa, pois os primeiros predicados que ele deu como exemplos são predicados acidentalmente desta forma, a saber, "animal bípede" ou "animal racional" (pois uma diferença não é predicada de um gênero em nenhum modo de persiedade, e ainda assim Aristóteles diz no texto que estes não são predicados acidentalmente, e afirmou que "Ele é um animal e bípede, portanto ele é um animal bípede" é uma inferência válida). Ou significaria que o "acidentalmente" determina uma conjunção dos predicados com o sujeito, e assim também a regra seria falsa, pois é válido dizer: "A parede é colorida e ela é visível", no entanto "colorido visível" não é por si na parede.

"Acidentalmente" tomado no segundo sentido distingue-se do que chamo "por conta própria", i.e., não por causa de outra coisa; "acidentalmente" significa então "através de outro". Esta é a maneira como é tomado aqui, pois quaisquer coisas que são de tal natureza que são unidas por causa de outra coisa, e não por conta própria, não admitem inferência conjunta, porque uma inferência conjunta sujeita uma à outra e denota as coisas unidas por conta própria como potência e ato.

Portanto, o sentido da divisão é este: dos muitos predicados, alguns são acidentais, alguns são por si, i.e., alguns são unidos entre si por conta própria, alguns por conta de outro. Aqueles que são unidos por si inferem conjuntamente; aqueles que são unidos por conta de outro não inferem conjuntamente de modo algum.

7. Quando ele diz: Esta é a razão pela qual "bom" e "sapateiro" não podem ser combinados simplesmente, etc., ele aplica a verdade que enunciou às partes da questão. Ele a aplica primeiro à segunda parte, i.e., por que isto não se segue: "Ele é bom e ele é sapateiro, portanto ele é um bom sapateiro". Em seguida, aplica-a à outra parte da questão, i.e., por que isto se segue: "Ele é um animal e ele é bípede, portanto ele é um animal bípede". Ele acrescenta a razão no caso deste último: "bípede" e "animal" não são predicados acidentalmente unidos entre si, nem em uma terceira coisa, mas por si. Isto também explica o outro membro da primeira divisão que ainda não foi explicitamente posto.

Observe que ele mantém o mesmo julgamento a ser feito sobre tocador de lira e bom, e musical e branco. Ele concluiu que "branco" e "musical" não inferem um predicado conjunto; portanto, nem "tocador de lira" e "bom" inferem "bom tocador de lira" simplesmente, i.e., conjuntamente. Há uma razão para dizer isto. Pois embora haja uma diferença entre musical e branco, e bondade e a arte de tocar lira, eles também são semelhantes. Consideremos primeiro a diferença. A bondade é de tal natureza que denomina tanto um terceiro sujeito, a saber, o homem, quanto a arte de tocar lira. Esta é a razão pela qual a falsidade é claramente discernível quando dizemos "Ele é bom e um tocador de lira, portanto ele é um bom tocador de lira". Musical e brancura, por outro lado, são de tal natureza que denominam apenas um terceiro sujeito, e não um ao outro, e, portanto, o erro é menos óbvio em "Ele é branco e ele é musical, portanto ele é musical branco". Agora, é esta diferença que faz o processo de raciocínio de Aristóteles parecer um tanto inconclusivo. No entanto, eles são semelhantes. Pois se a identidade dos predicados é mantida em todos os aspectos que são exigidos para que as mesmas coisas divididas sejam inferidas conjuntamente, então, assim como "musical" não denomina "brancura", nem o contrário, também nem "bondade", da qual estamos falando quando dizemos "O homem é bom", denomina a arte de tocar lira, nem vice-versa. Pois "bom" é equívoco — embora por escolha — e, portanto, é dito da perfeição do tocador de lira por meio de uma noção e da perfeição do homem por meio de outra. Por exemplo, quando dizemos "Sócrates é bom", entendemos bondade moral, que é a bondade do homem absolutamente (pois o termo análogo posto simplesmente representa o que é principalmente assim); mas quando "bom tocador de lira" é inferido, não é a bondade da moralidade que é predicada, mas a bondade da arte; donde a identidade dos termos não é preservada. Portanto, Aristóteles expressou adequada e sutilmente o mesmo julgamento sobre ambos, i.e., "branco" e "musical", e "bom" e "tocador de lira", pois a razão aqui é a mesma que ali.

8. Há outro ponto que deve ser mencionado. Aristóteles, ao propor a questão, extrai três consequências: "Ele é um animal e bípede, portanto ele é um animal bípede" e "Ele é um homem e branco, portanto ele é um homem branco" e "Ele é um tocador de lira e bom, portanto ele é um bom tocador de lira". Em seguida, ele afirma que as duas primeiras consequências são boas, a terceira não. Sua intenção era investigar a causa dessa diversidade, mas ao resolver a questão ele menciona apenas a primeira e a terceira consequências, deixando a bondade ou maldade da segunda consequência sem discussão. Por que isso? Eu diria em resposta a isto que nestas poucas palavras ele também implicou a natureza da segunda consequência, pois há um significado mais

profundo na afirmação do texto de que brancura e ser musical não são um. É um significado que não apenas indica o que já foi explicado, mas também sua causa, e a partir disso a natureza da segunda consequência é aparente. Pois a razão pela qual "branco" e "musical" não inferem uma predicação conjunta é que na predicação conjunta uma parte deve ser sujeitada à outra como potência ao ato, de modo que de alguma forma uma coisa seja formada a partir delas e uma seja denominada a partir da outra (pois a força da predicação conjunta exige isso, como dissemos acima sobre as partes da definição). "Branco" e "musical", no entanto, não formam por si mesmos uma coisa por si, como é evidente, nem formam uma coisa acidentalmente. Pois embora seja verdade que, como unidos em um sujeito, eles são um no sujeito acidentalmente, no entanto, as coisas que estão unidas em um terceiro sujeito não formam uma coisa acidentalmente entre si: primeiro, porque nem uma informa a outra (o que é exigido para a unidade accidental das coisas entre si, embora não em uma terceira coisa); segundo, porque, consideradas à parte da unidade de um sujeito, que está fora de suas noções, não há causa de unidade entre elas. Portanto, quando Aristóteles diz que brancura e ser musical não são um, i.e., entre si, em certa medida ele expressa a razão pela qual um predicado não é inferido conjuntamente a partir delas. E uma vez que a mesma disciplina se estende aos opostos, a bondade da segunda consequência é implicada por estas palavras. Isto é, homem e branco são relacionados como potência e ato (e assim, por conta própria, a brancura informa, denomina e forma uma coisa com 'homem'); portanto, a partir destes tomados divisivamente, pode-se inferir uma predicação conjunta, i.e., "Ele é homem e branco, portanto ele é um homem branco"; assim como, no caso oposto, foi dito que "musical" e "branco" não inferem um predicado conjunto porque nem um informa o outro.

9. Não há oposição entre a posição que acaba de ser declarada e o fato de que branco forma uma unidade accidental com o homem. Pois não dissemos que a unidade accidental de certas coisas impede inferir uma conjunção a partir de coisas divididas, mas que a unidade accidental de certas coisas apenas em razão de uma terceira coisa é a que impede. Coisas que são uma acidentalmente apenas em razão de uma terceira coisa não têm unidade entre si; e por esta razão uma conjunção, que implica unidade, não pode ser inferida, como dissemos. Mas coisas que são uma acidentalmente por conta própria, i.e., entre si, como por exemplo, "homem branco", quando tomadas conjuntamente, têm a unidade necessária porque têm unidade entre si. Observe que eu adicionei "apenas". A razão é que se quaisquer duas coisas são uma acidentalmente, a saber, em razão de um terceiro sujeito, e elas não têm apenas unidade a partir disso, mas também por conta própria (porque uma informa a outra), então a partir destas tomadas divisivamente uma inferência conjunta pode ser feita. Por exemplo, podemos inferir: "É uma quantidade e é colorida, portanto é uma quantidade colorida", porque a cor informa a quantidade.

10. Você pode ter como verdadeiro que esta segunda consequência é boa, embora Aristóteles não a tenha confirmado explicitamente ao retornar a ela, tanto pelo fato de que, ao propor a questão, ele a reivindicou como boa, quanto também porque não há instância oposta a ela. Além disso, Aristóteles implicou que é apenas tal unidade que impede a inferência conjunta onde ele diz: as quais são ditas acidentalmente, ou do mesmo sujeito ou um do outro. Por acidentalmente do mesmo sujeito, ele postula que sua unidade é apenas a partir da união em uma terceira coisa (pois apenas estas são predicadas acidentalmente do mesmo sujeito, como foi dito). Quando ele acrescenta, ou um do outro — postando accidentalidade mútua — nenhuma unidade é deixada entre eles. Portanto, ambos os tipos de predicados accidentais, a saber, em uma terceira coisa ou um no outro, que impedem uma inferência conjunta têm unidade apenas em uma terceira coisa.

11. Em seguida, quando ele diz: Além disso, predicados que estão presentes um no outro não podem ser combinados simplesmente, etc., ele dá a solução para as instâncias (tanto as explicitamente nugatórias quanto as implicitamente nugatórias) citadas na prova. Não é apenas lícito, diz ele, inferir uma união a partir de predicados divididos quando estes são acidentais, mas não é lícito quando os predicados estão presentes um no outro. Isto é, não é lícito inferir um predicado conjunto a partir de predicados divididos quando os predicados se incluem um ao outro de tal forma que um está incluído na significação formal de outro intrinsecamente, ou explicitamente, como "branco" em "branco", ou implicitamente, como "animal" e "bípede" em "homem". Portanto, "branco" dito repetidamente e divisivamente não infere uma predicação conjunta, nem "homem" enunciado divisivamente a partir de "animal" ou "bípede" infere "bípede" ou "animal" conjunto com homem, de modo que pudéssemos dizer: "Portanto, Sócrates é um homem-bípede" ou "animal-homem". Pois animal e bípede estão incluídos na noção de homem em ato e em entendimento, embora implicitamente.

A solução da questão, então, é esta: a inferência de uma conjunção a partir de predicados divididos é impedida quando há unidade dos muitos acidentalmente apenas em uma terceira coisa e quando há um resultado nugatório. Consequentemente, onde nenhum destes é encontrado, será lícito inferir uma conjunção a partir de predicados divididos. Deve-se entender que isto se aplica quando os predicados divididos são simultaneamente verdadeiros do mesmo sujeito.

Revision #1

Created 19 September 2026 23:50:16 by Admin

Updated 19 September 2026 23:50:29 by Admin